





As fronteiras entre futebol e política nas ditaduras latino-americanas

Luiza Brazuna¹  

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Pedro da Silva Costa Machado Milheiro²  

Universidade Federal da Bahia

José Paulo Florenzano³  

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Resenha de NEME, Fabiano; BELLÉ, Matheus. **Condor F.C.:** o uso político do futebol nas ditaduras da América Latina. Porto Alegre: Ed. dos Autores, 2022.

The borders between soccer and politics in Latin American dictatorships

Review of NEME, Fabiano; BELLÉ, Matheus. **Condor F.C.:** o uso político do futebol nas ditaduras da América Latina. Porto Alegre: Ed. dos Autores, 2022.

Las fronteras entre fútbol y política en las ditaduras latinoamericanas

Reseña de NEME, Fabiano; BELLÉ, Matheus. **Condor F.C.:** o uso político do futebol nas ditaduras da América Latina. Porto Alegre: Ed. dos Autores, 2022.

Introdução

O advogado Fabiano Neme e o arqueólogo Matheus Bellé são porto-alegrenses que compartilham, assim como muitos latino-americanos, duas grandes paixões: o futebol e a política. Por isso mesmo, o propósito do livro é explorar as interconexões entre esses dois elementos por meio da apresentação de histórias e fatos que demonstram a proximidade entre o futebol e as ditaduras da Argentina, do Brasil, do Chile e do Uruguai.

1. Graduanda em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

2. Graduando em Direito pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

3. Atualmente é coordenador do curso de Ciências Sociais e professor do departamento de antropologia da PUC-SP, membro do Conselho Consultivo do Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB) do Museu do Futebol, em São Paulo, e membro do Conselho Editorial das Edições Ludens do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre o Futebol e Modalidades Lúdicas da USP.

Para isso, os autores começam com uma breve contextualização da conjuntura política ditatorial nesses quatro países. O ponto em comum culminante entre todas essas ditaduras centra-se na Operação Condor, operação norte-americana clandestina iniciada em 1975 dentro do contexto da disputa político-ideológica que marcou os anos da Guerra Fria. A partir dos pactos firmados entre Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai, as ditaduras colaborariam entre si para manter a América Latina “presa a uma ideologia de exploração da força de trabalho e internacionalização do capital, e, pela repressão, livre do risco de seguir o exemplo de Cuba e se aliar ao bloco socialista capitaneado pela União Soviética” (Neme; Bellé, 2022, p. 24).

A fim de atingir, na presente resenha, a melhor exposição do conteúdo político-futebolístico dos episódios narrados no livro, decide-se separá-la em duas seções: uma primeira que demonstra a instrumentalização do futebol por parte e em prol dos regimes ditatoriais latino-americanos nos quatro países mencionados, e uma segunda que explicita o ambiente futebolístico enquanto um espaço de resistência latino-americana contra as ditaduras.

1 As ditaduras e a instrumentalização do futebol

Os autores nos contam alguns eventos do futebol latino-americano que acabam por escancarar a instrumentalização política desse esporte por parte das ditaduras nos quatro países por eles analisados. Tais eventos vão desde o uso da Copa de 1970 em favor da ditadura capitaneada por Emílio Garrastazu Médici até o desastroso Mundialito no Uruguai em 1980. Seguindo uma linha cronológica, comentemos primeiro sobre a Copa de 1970.

Sediada no México, a Copa de 70 foi de extrema importância para Médici, presidente do regime desde 1969, que encontrou no futebol “o elemento ideal para desviar o foco brasileiro do uso indiscriminado da violência de Estado” (Neme; Bellé, 2022, p. 65), já em um contexto de vigência do Ato Institucional 5, que marca o início dos chamados “anos de chumbo” da ditadura brasileira. Partindo desta premissa, Médici passa a agir enquanto uma figura íntima à seleção e não poupa esforços seja para acompanhar partidas e disponibilizar preparadores físicos ligados ao Exército para treinamento dos atletas, para interferir diretamente na Seleção.

As influências de Emílio Médici na seleção que representaria o Brasil na Copa de 70 significam as primeiras demonstrações de uma instrumentalização da Copa e do próprio futebol por parte do regime militar, que não estava disposto a aceitar quaisquer nomes ou elementos na seleção brasileira que não servisse para passar uma imagem positiva da ditadura. Por isso o técnico João Saldanha, ex-membro do Partido Comunista

Brasileiro, com quem Médici possuía claras divergências inclusive políticas, foi substituído por Zagallo, que passava uma imagem disciplinada, ordenada e aliada ao regime que agradava muito mais ao ditador. Outro marcante exemplo dessa ingerência, que ganhou capítulo próprio no “Condor F.C.”, foi o banimento da família Antunes da seleção brasileira. O irmão mais velho, Edu, teve seu nome riscado da lista convocatória de João Saldanha para as eliminatórias da copa de 70; Fernando, que havia sido professor no Programa Nacional Paulo Freire (PNA), foi perseguido pela ditadura durante toda a sua carreira, pendurando as chuteiras aos 26 anos; e o irmão mais novo da família, Zico, cortado da seleção olímpica de 1972.

Outro elemento que explicita essa instrumentalização desse esporte que significa tanto para os brasileiros é puramente imagético: Médici via na Copa, grande evento não só para o Brasil, mas para o mundo como um todo, uma oportunidade de passar uma imagem amigável do regime, aproveitando-se não só do futebol em si, mas do próprio sentimento de união e solidariedade que ele provoca no coletivo.

De modo muito parecido, Neme e Bellé descrevem a relação entre o ditador Pinochet, no Chile, com o time Colo-Colo. De acordo com os autores, “o regime realizou intervenções pontuais com o propósito de manejar o futebol em proveito próprio” (Neme; Bellé, 2022, p. 40), sendo a mais relevante delas, provavelmente, o ajuste do calendário para que o Colo-Colo, time com a maior torcida chilena, jogasse sempre no dia 11 de setembro, dia esse que celebra o golpe militar. Essas intervenções podem parecer meramente simbólicas, mas elas contêm, na verdade, forte conteúdo político, uma vez que significam, como já dito, aliar todo o sentimento e a festividade que circundam o futebol diretamente ao regime militar. Essa instrumentalização do futebol por parte do regime militar chileno, manifestada por sua interferência no gigante chileno Colo-Colo, materializa-se quando Augusto Pinochet é nomeado Presidente de Honra do Clube, título que permaneceu até 2015, quando, em votação histórica, os sócios do Colo-Colo optaram por removê-lo de seus quadros históricos.

O uso político da Copa do Mundo efetivou-se, novamente, na Argentina em 1978. A Copa de 1978 foi, assim como Médici fez com a Copa de 1970, uma chance de construir uma imagem positiva do regime militar argentino, dessa vez com a vantagem de poder fazer desse grande evento uma cortina de fumaça para as violências que assolavam o país, já que a Copa se realizaria em solo celeste. Como disseram Neme e Bellé (2022):

A utilização de Buenos Aires como palco da Seleção Argentina era de interesse do regime, tanto pela densidade populacional, que possibilitava estádios lotados de pessoas com bandeiras argentinas e cantando o hino a plenos pulmões, quanto pelo alto investimento em obras na cidade em comparação com as demais províncias (p. 32).

Na Copa de 78, as influências do regime militar no futebol se deram de forma ainda mais direta. Na segunda fase da Copa de 78, a definição das seleções que disputariam a final ficou para a última rodada. Na disputa estavam Brasil x Polônia e, do outro lado, Argentina x Peru, ficando estabelecido que, entre as quatro, quem obtivesse melhor desempenho enfrentaria a Holanda na final. O jogo entre Brasil x Polônia, que deveria acontecer no mesmo horário que Argentina x Peru foi antecipado, permitindo que a Argentina soubesse que precisaria de, no mínimo, uma goleada de 4 x 0 em cima da seleção peruana para se classificar. De acordo com Bellé e Neme, a Argentina ganhou de 6 x 0, avançando para a final, mas a partida entre a seleção argentina e a peruana foi “rodeada de elementos estranhos”:

O presidente peruano, Francisco Morales Bermúdez, ligou para Héctor Chumpitaz, capitão da sua seleção, e deu a entender que era importante que a Argentina se classificasse. Essa mensagem foi reforçada pelo chefe da delegação peruana e filho do presidente [...]. No dia do jogo, o ditador Videla, acompanhado do ex-secretário de Estado norte-americano Henry Kissinger, foi ao vestiário da seleção peruana, e informou a doação de trigo argentino para o País, que seria concretizada alguns dias após a partida, como um estímulo velado para que os peruanos cedessem a goleada necessária para a classificação da Argentina (Neme; Bellé, 2022, p. 33).

Mesmo em meio a tudo isso, os autores afirmam que a maior contradição da Copa de 78 ocorria nos porões da Esma, maior centro de tortura da ditadura argentina, onde, em dias de jogo, os torturadores convidavam seus presos para assisti-lo juntos e os abraçavam nos gols, cantando. Lívia Gonçalves Magalhães (2014), em seu livro “Com a taça nas mãos: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina”, faz relato no mesmo sentido, indo além ao afirmar que, inclusive para a maioria dos presos, a época da Copa de 78 era um período de euforia, de torcer para a Seleção Argentina. Resta imaginar o que significou esse período para a minoria dos presos, que tiveram seus gritos abafados por uma narrativa político-futebolística que prejudicava o próprio povo argentino.

Por último, vale a pena mencionar o Mundialito no Uruguai em 1980 e 1981. No contexto do plebiscito que almejava tornar perene o regime ditatorial uruguaio, a copa de ouro dos campeões mundiais foi idealizada como comemoração aos 50 anos da primeira Copa do Mundo, mas, para o comando militar uruguaio, deveria atingir objetivos políticos que beneficiariam o regime, utilizando a seleção uruguaia como um símbolo nacional forte (Neme; Bellé, 2022, p. 121). No entanto, mesmo com o Uruguai campeão, a tentativa de sua instrumentalização não apenas fracassou como teve o efeito reverso: a comemoração da vitória reuniu, também, a felicidade pelo resultado do plebiscito que negava continuidade à ditadura, representado pela cantoria do hino nacional com ênfase no trecho “tiranos, temam”.

2 Futebol e resistência latino-americana

A despeito das tentativas e efetivas instrumentalizações do futebol para benefício dos regimes ditatoriais latino-americanos, o fenômeno sociocultural multifacetado que é o futebol, também foi campo de resistência e denúncia das ditaduras. As resistências que se deram no âmbito futebolístico foram dos mais diversos tipos e vieram dos mais diferentes atores de vários cantos do mundo.

Em 1973, logo no início da ditadura de Pinochet, a seleção chilena disputava uma vaga classificatória para a copa do ano seguinte contra a seleção da União Soviética (URSS), e viajou para Moscou para jogar uma partida decisiva. Embora não haja registros da partida, já que a mídia soviética, em um ato político, recusou-se a televisionar o jogo, sabe-se que a partida terminou no 0 x 0 e que o jogo de volta fora marcado para o 21 de novembro do mesmo ano, no Estádio Nacional do Chile.

Sabendo que esse estádio era utilizado para torturar presos e perseguidos pela ditadura chilena, a seleção soviética exigiu que se mudasse o lugar da partida, para que se pudesse jogar em um campo “neutro”. Após a confirmação de manutenção do Estádio Nacional chileno enquanto local da partida, a Federação de Futebol da União Soviética emite comunicado oficial, responsabilizando a própria Fifa pela falta de bom senso de deixar que uma partida importante tomasse palco em um lugar “sujo com o sangue de patriotas chilenos”, informa que, por questões morais, a URSS não jogaria.

Mesmo assim, a Fifa mantém o jogo, em que o Chile deveria marcar um gol apenas para se classificar para a Copa de 74 na Alemanha Ocidental. E foi assim que se deu o que ficou conhecido como “a partida da vergonha”: a seleção chilena entra em campo sem adversário e empurra a bola para uma goleira vazia. Em uma época que as ditaduras enxergavam no futebol uma forma de propaganda dos seus regimes, pode-se imaginar o simbolismo de uma partida tão vergonhosa.

Além desse ato político-futebolístico por parte da seleção soviética, tem-se o emblemático caso da volta olímpica ao contrário do Clube Atlético Defensor do Uruguai. O Clube chegou à última rodada do campeonato uruguaio de 1976 precisando realizar uma goleada em cima do Rentistas para ser campeão, já que o gigante uruguaio Peñarol havia vencido seu adversário por 3 x 1. No vestiário, o técnico De León, filiado ao Partido Comunista Uruguaio, abordou o jogador Beethoven Javier sobre a possibilidade de uma comemoração especial caso ganhassem o título, pois esta seria uma oportunidade ideal para demonstrar resistência ao regime militar de Bordaberry. Como afirmam Neme e Bellé (2022):

Nem todos os presentes eram torcedores violetas, mas todos estavam lá pela oportunidade de ver um clube médio fazer história ao ser o primeiro a furar

a tradição dos campeões uruguaios e, também, pelo que representava torcer pelo Defensor naquele momento: estar do lado oposto ao da ditadura militar, se opondo também à tortura, à morte e toda a opressão imposta pelo regime (Neme; Bellé, 2022, p. 108).

Em uma partida difícil, o Defensor consagra-se campeão do campeonato uruguaio daquele ano e leva a taça para dar uma volta olímpica ao contrário, “simbolizando a resistência ao regime de terror imposto pelos militares” (Neme; Bellé, 2022, p. 108). É justamente através de simbolismos como esse que reside uma das grandes frentes da resistência latino-americana contra regimes ditatoriais através do futebol.

Mas não é somente através de atos simbólicos que se deu a resistência política-futebolística na América Latina. Na famosa Copa de 78, na Argentina, importantes movimentos como, em especial, as Mães da Praça de Maio aproveitaram as atenções da mídia internacional voltadas ao país argentino naquele momento para denunciar os sequestros de seus filhos pela ditadura. Além disso, vale destacar a atuação do grupo guerrilheiro argentino Montoneros durante essa mesma copa, que enxergavam nela uma oportunidade de se fazerem vistos e ouvidos.

Foi nesse contexto que, no dia 6 de junho de 1978, no meio da partida entre Argentina e França, a transmissão do jogo foi interrompida pela voz do líder dos Montoneros para a emissão de um relato que revelava a dolorosa e cruel conjuntura argentina. Naquele momento, não havia lado definido no futebol. Esse esporte, tão caro para todos os latino-americanos, virou um campo de disputa de narrativas, em que, por um lado era instrumentalizado por aqueles que nada entendem sobre o sentimento de união e solidariedade que ele provoca, e, por outro, era visto como uma oportunidade de ecoar os gritos de resistência e dor de toda uma multidão.

Considerações finais

Um jogo. Uma bola. O campo é lugar do imprevisível, do indomável. Dois times com interesses irremediavelmente inconciliáveis. Para um ganhar, o outro tem que perder, e eventual empate apenas adia o resultado para o futuro. Por trás de cada time, uma multidão e, entre esses dois elementos, representante e representado, uma relação de necessidade: um precisa do outro e se reconhece nele.

Durante a leitura do livro “Condor F.C.”, somos colocados diante do “futebol” como vilão e do Futebol como resistência, ou melhor, diante, por um lado, do uso político do futebol e, de outro, do futebol encarado de forma política. As ditaduras latino-americanas, conforme a primeira parte da produção ilustra, atuaram alterando e intervindo diretamente no jogo, buscando no futebol a certeza do favorecimento de

suas seleções e, assim, desfigurando-o, transformando-o em outra coisa. A escolha do local dos jogos da seleção argentina e a garantia da vitória contra o Peru na Copa de 78, o financiamento especial do governo ditatorial chileno ao Colo-Colo e a intervenção na escalação e no comando técnico da seleção brasileira são exemplos disso.

Por outro lado, as denúncias encontraram no futebol uma plateia cheia. Não se tratou da instrumentalização do esporte; tratou-se, antes, de reconhecer que também há política no futebol, como em tudo que é social, em certo sentido, e que, portanto, ali era um legítimo e profícuo veículo de vozes importantes contra os regimes instaurados. Repleto de simbolismos como a volta olímpica ao contrário dada pelo Defensor do Uruguai, a recusa em jogar a Copa do Mundo – no fim se tratava disso – da seleção da URSS por ter que disputar a classificação no Estádio Nacional chileno, então utilizado como prisão, e a operação dos Montoneros ao invadir a transmissão dos jogos. Tudo isso faz parte, por assim dizer, do futebol como manifestação autêntica dos povos, ou, nas palavras de José Miguel Wisnik, “faz parte dos vários jogos que ele abarca” (Wisnik, 2008, p. 9).

Não à toa, os relatos dos prisioneiros como Tamburrini, que “tomado pela sensação de pertencimento” se juntou “não só às vozes contra a ditadura, mas também àquelas que comemoravam uma classificação no futebol” (Neme; Bellé, 2022, p. 93), ou de Graciela Daleo (Neme; Bellé, 2022, p. 35), que, enclausurada na Esma, “comemora a vitória da seleção Argentina”, deixam transparecer a impossibilidade do sequestro do futebol por interesses impopulares e autoritários.

Por fim, alinhados com a conclusão a que chegam os autores, o resgate da história política do futebol, principalmente em tempos de ressurgimento do autoritarismo no mundo, insere-se no contexto de luta para a “América-latina livre, democrática e soberana” (Neme; Bellé, 2022, p. 133). Afinal, no futebol, o pior cego é aquele que só vê a bola⁴.

Referências

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. **Com a taça nas mãos**: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina. Rio de Janeiro, RJ: Lamparina, 2014.

NEME, Fabiano; BELLÉ, Matheus. **Condor F.C.**: o uso político do futebol nas ditaduras da América Latina. Porto Alegre, RS: Ed. dos Autores, 2022.

WISNIK, José Miguel. **Veneno Remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2008.

4. Citação de Nelson Rodrigues, também utilizada no livro.